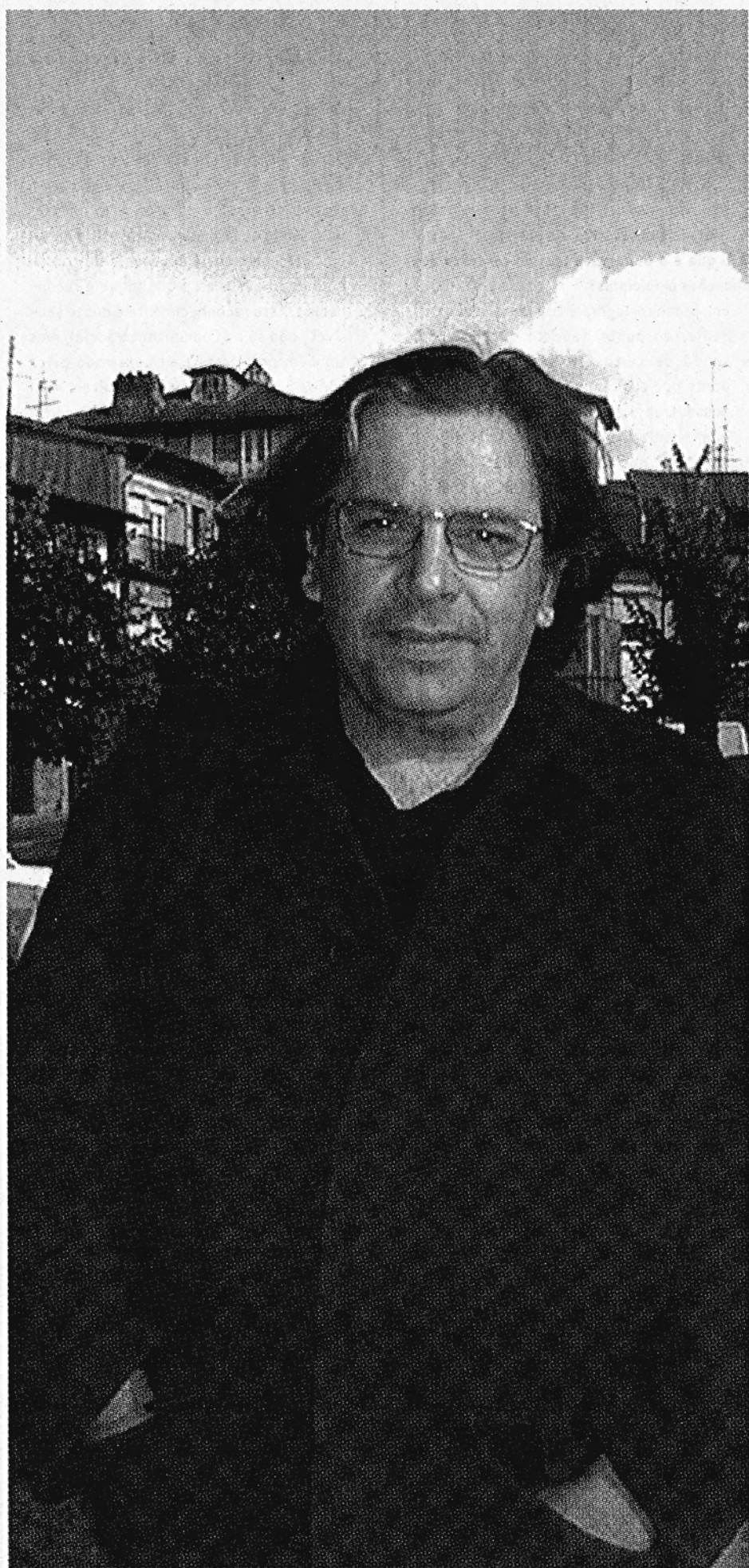


IVO MARTINS, PROGRAMADOR DO FESTIVAL

"O Guimarães Jazz é um festival de nível europeu"



Ivo Martins, administrador hospitalar de carreira, 48 anos, é um dos rostos da comissão organizadora do festival. Mas é a cara fundamental da ementa que em cada ano é apresentada no Guimarães Jazz.

A escolha dos protagonistas depende em muito das suas indicações, das suas informações e pesquisas.

Desde 1996 que ajudou à implantação de um estilo estético no festival que todos apelidam de arriscado, por fazer alarde da exibição neste certame de grupos e de executantes da nova vaga jazzística da Europa e da América.

Também lhe pertence algum mérito — que partilha com os homens e mulheres da comissão organizadora — na produção para o Guimarães Jazz de "cruzamentos" inovadores, como no caso da edição deste ano, do flamenco com o Jazz.

Ivo Martins declara ao Expresso do Ave que o Guimarães Jazz já atingiu notoriedade bastante para figurar no lote de 18 festivais europeus que se agruparão para constituírem um projecto continental capaz de concorrer as fundos da União Europeia e deste modo se tornarem em festivais mais audazes.

A ele cabe justificar, nesta entrevista, as opções que marcaram a edição do festival de 2000, olhar para trás e analisar o caminho percorrido e abrir os horizontes do seu futuro.

EdA: A edição deste ano do Guimarães Jazz (GJ) segue na linha das mais recentes edições, isto é, está classificado como um festival diferente de muitos outros e prossegue na senda das apresentações polémicas...

O GJ tem conseguido apresentar figurino e perfil diferente. Optamos mais pela variedade, de mostrar várias situações musicais existentes, umas mais próximas, outras mais afastadas do conceito tradicional de jazz que cada vez mais é difícil de dizer o que é...

EdA: Se calhar, toda a gente esperava que em Guimarães o jazz tradicional fosse rei, o que de certo modo traria melancolia e rotina ao festival. Não concorda?

O jazz tradicional existe e é importante. Só que existem outras coisas que evoluíram que também é preciso apresentar. Não se pode viver exclusivamente de um género musical que atingiu o seu clímax nos anos 60 e que 40 anos depois ainda servia para estarmos todos a viver á sombra desse género.

É como estarmos a viver á sombra de Amália Rodrigues que foi uma fadista fantástica que significava e ainda significa muito. Mas a renovação tem de fazer-se, há novos valores e experiências que aparecem. Ou seja, o jazz tal como o fado, existe e vai continuar a existir mas com novos mas também lídimos protagonistas, com o mesmo talento dos que, no passado, marcaram essas formas de arte ou de música. Só assim se torna o Jazz, neste caso, vivo e não encarcerado num museu....

EdA: Em termos simples e populares, o que pode dizer do que vai ser apresentado a partir de ontem?

O festival começou, ontem, com uma "big band" que é uma co-produção do Guimarães Jazz e da Culturgest. Já, em 1999, demos passos neste sentido, uma vez que Michael Gibbs iniciou este projecto. Apenas mudamos a direcção musical que este ano coube a Gil Goldstein um músico experimentadíssimo, um orquestrador de qualidade que trabalha para muitas películas. Tem uma forte ligação a músicos espanhóis que tocam flamenco e jazz, conhecem a música de Pastorius e que tem uma ligação profunda (a sua ascendência é mexicana) à América latina.. Tentamos por isso estabelecer uma ponte entre o flamenco e o Jazz, cruzando estes dois géneros musicais.

EdA: É isso que o vocês, na organização, chamam de produção própria?

Sim, contactamos os músicos directamente e fazemos este projecto que tem



tido sucesso.

EdA: Mas para fazer essas misturas, é preciso viver dentro do mundo Jazz...

É preciso sobretudo ter conhecimentos. Não se fazem omeletes sem ovos. Conheço a música de Pastorius e essas ligações todas e pensei na possibilidade de estabelecer cruzamentos... Vamos ser se agradamos ao público.

EdA: Isso é uma espécie de cocktail jazzístico...

Não direi um cocktail... o que diria é que em certos momentos, a música vai pender para o jazz visto numa perspectiva tradicional com ritmo muito swing como noutras situações vai pender para o flamenco e esta mudança...

EdA: Mudança ou mistura?

Não concordo com mistura... é a gente dar uma certa tonalidade. Isto é um bocado como os cozinhados... dá um certos sabores em função das especiarias que coloca.

EdA: E depois desta "big band"....

É o Joe Fonda... um quinteto com uma componente visual e teatral muito forte, porque é composto por uma dançarina de sapateado, uma voz que faz vocalizações e não canta, a voz é apenas um instrumento... um saxofone... contrabaixo, uma baterista... É outra forma de abordar jazz que este quinteto vai apresentar.

EdA: Que razões justificam as escolhas dos protagonistas?

Não sei... A gente vai vivendo, vai ouvindo, vai lendo... sobre diversos grupos e bandas e opta dentro do estilo que estamos a apresentar no festival. Os critérios são muito da percepção e da informação... muita informação. Ouvir muito...

EdA: Aonde?

Em casa, comprando livros, revistas, discos.

EdA: E viaja muito pelo Jazz?

Costumo assistir a dois ou três concertos no estrangeiro. Do Vandermark tenho 90% da sua discografia do Ernest Dawkins tenho toda, do Goldstein conheço quase todos os discos. Toda a esta gente que aqui vem... conheço-os bem. Pressupõe que faço uma análise do trajecto e da sua evolução... de todos estes músicos.

EdA: Como vão ser feitas as escolhas para o ano?

Tenho ideias, vamos recolhendo outras, há aqui projectos preparados há dois anos. Por exemplo, Vandermark 5 foi contactado em 1998 para Chicago. Hoje é um músico reconhecidíssimo.

EdA: Isso é um trabalho de médio prazo...

Temos tido a capacidade de gerir os músic

cos antes de deles serem reconhecidos. Por exemplo, o Uricane esteve aqui e tinha sido contactado dois anos antes no Porto. "Eu estarei vivo?" - perguntou-me ele. E eu disse-lhe vai estar vivo e reconhecido. E foi verdade. Não acontece sempre mas são as tais sortes, as percepções... os feelings...

EdA: Mas continuando a justificar as escolhas...

Voltamos à questão da variedade... Mas não se julgue que é uma variedade assim igual há das pastelarias, onde há bolos para todos os gostos... ou como nós automóveis... No festival deste ano, por exemplo, vamos explorar Chicago que é uma cidade pouco explorada. Geralmente os projectos que vêm à Europa são todos de Nova York, raríssimos os de Los Angeles e S. Francisco... até por razões económi-

Esses também falham... quando uma estrela falha há milhões de desculpas quando um desconhecido falha ninguém está disposto a desculpar...

EdA: E não está, no risco, a base de sucesso do GJ?

Eu julgo que há várias coisas que nos dizem que o risco é calculado e minimamente controlado. Não utilizamos grandes nomes porque também não temos muito dinheiro para gastar... Se utilizássemos grandes nomes em vez de 10 concertos fazíamos quatro. Se não tivéssemos uma parceria com a Culturgest o primeiro concerto do festival era perfeitamente inviável.

EdA: O GJ tem dois ciclos o primeiro de quatro anos iniciais e um segundo de 1996 até ao presente?

O GJ sempre apostou na variedade em

Guimarães faz parte de um grupo de festivais europeus, cerca de 18, que estão para fazer uma associação a TECMO - Transeuropean Creative Music Organization, que estão a preparar projectos comuns para terem acesso aos fundos europeus e o Guimarães Jazz é o único festival português convidado para o efeito.

cas.

Temos então dois grupos de Chicago, o Vandermark 5 que é um grupo de ponta... um projecto que faz uma experimentação arriscada e de limite e depois Ernest Dawkins Ensemble, que se enquadra na escola AACM que deu grandes músicos. Temos aqui dois lados, um lado não direi tradicional, mas são dois lados interessantes de uma cidade que neste momento talvez tenha das coisas mais interessantes dos Estados Unidos.

EdA: Não falta gente a dizer que o GJ é um festival de risco pelas apostas...

Talvez... A programação, ainda há pouco dizia a gente do Porto minha amiga, toda a programação é um acto falhado. É uma coisa difícil, há que respeitar as pessoas que programam. De facto arrisca-se muito, há imensos factores internos e externos que determinam o concerto. A qualidade e a transcendência de um concerto.

EdA: Seria mais fácil apostar em nomes conhecidos...

diversas formas de fazer e não apenas na tradicional. Nós limitamo-nos a consolidar essa linha e variá-la e a aumentá-la e o GJ adquiriu uma dimensão que é importante.

EdA: Acha mesmo que este é um festival a sério...

Sem dúvida, até em termos europeus.

EdA: O que avaliza essa sua afirmação?

Guimarães faz parte de um grupo de festivais europeus, cerca de 18, que estão para fazer uma associação a TECMO - Transeuropean Creative Music Organization, que estão a preparar projectos comuns para terem acesso aos fundos europeus e o Guimarães Jazz é o único festival português convidado para o efeito.

EdA: Como foi convidado?

Eu conhecia algumas pessoas... já tínhamos feito parte de um Carrefour Dassud em Perpignan, em França, que reúne alguns festivais do sul da Europa e porque acharam que o GJ tinha interesse até pela forma como é programado, fomos convi-

dados.

EdA: O que significa isso para o GJ?

Significa visibilidade internacional e que o festival é reconhecido, é visto...

EdA: Mas havendo dinheiro da União Europeia será possível pensar num festival mais ambicioso?

O GJ tenderá a crescer que é o que se pretende no fundo. E transformá-lo até numa atracção turística para a cidade, por exemplo. É por isso que fazemos concertos duplos ao fim de semana, porque é interessante trabalhar este conceito de oferta cultural com a componente turística. Dar possibilidade a quem vem a Guimarães num fim de semana de assistir a quatro concertos. É muito mais agradável do que assistir a dois. O festival pode transformar-se, no futuro, num pacote turístico onde inclui hotel, refeições e Jazz...

EdA: E o que falta para se fazer isso?

Temos de ir lá chegando... são coisas que vão evoluindo...

EdA: Nesta linha de irreverência que o festival prossegue, qual é o limite onde pode chegar? Para onde evoluirá?

Há duas formas de ver o GJ...

EdA: Já atingiu o máximo?

Nunca pode atingir o máximo, apesar de não podemos estar nunca satisfeitos. O que podemos é evoluir. Se em 10 anos conseguimos fazer isto... Então há que pensar que podemos fazer mais porque a história do festival é muito importante. O festival tornando-se histórico ganha uma força que ultrapassa largamente a vontade das pessoas...

EdA: Pode-se já compará-lo ao célebre festival de Cascais?

Não porque esse tinha 15 mil pessoas a assistir a cada concerto e ambos realizam-se em momentos diferentes da história. O Cascais teve um momento, uma maratona de três concertos por noite, era do tempo de um país sem cultura e a que havia era tutelada. O Cascais era mais uma forma de as pessoas se juntarem e fazerem ali muita da solidariedade política contra o regime político.

EdA: Voltando ao prestígio do GJ acha que até no seio dos músicos ele já tem notoriedade?

Acho que sim. A prova evidente está na quantidade de mails que falam do Guimarães Jazz. O GJ recebe diariamente contactos e ofertas de agendas de concertos de músicos no estrangeiro. O GJ é um fenómeno curioso, o que é raro acontecer...

A maior parte dos festivais em Portugal tem uma produção profissionalizada... Quase todas. Nós somos um pequeno



grupo que funciona em regime de voluntariado e isso é que nos dá alguma independência...

EdA: A sua participação na organização do GJ é feita mais por gosto ou por dinheiro?

É impossível fazer isto por dinheiro. Não há nada que pague uma coisa destas, de viver entre grandes músicos. O que quero é que me paguem as despesas numa perspectiva mais ampla porque compro por mês sete revistas, alguns CD's. O que pode valer ter um músico como o Golsdstein... Quem anda nisto... sabe o que isso é. E até os músicos portugueses que andam aí não percebem como é que é possível estar no meio de músicos desta natureza... É uma coisa que não tem preço

EdA: Qual é o gozo que lhe dá?

É a possibilidade de poder usufruir destes prazeres imensos, contactar com músicos que são referências desde sempre. Isto não é diferente de outras coisas... Vamos imaginar que um dia o Vitória vai ter quatro a cinco jogadores de referência... qualquer adepto gostaria de os ver jogar e de estar entre eles

EdA: Há um público fiel a este festival?

É uma componente importante. Mas não sei se há público fiel. Há pessoas que dizem que sim... Não sou apologista do público fiel que só vem a Guimarães... Houve uma certa fase em que pessoas um pouco admiradas com o sucesso e com a afluência do público ao festival, iniciaram um processo de dizer que o GJ tinha um público próprio. Não acredito nisso.

EdA: A Universidade do Minho continua a ter condições para este festival?

Tem uma belíssima sala...

EdA: Mesmo com a limitação de lugares...

É óbvio que a gente tem a sensação de que se lá estivessem sentadas 700 ou 800 pessoas era muito melhor e agradável. Mas há momentos que temos lá 400 e lugares vazios e isso também é muito agradável. O que eu acho é que a sala é excelente tem uma disposição notável, permite uma grande aproximação do público com os músicos, o que é uma coisa rara, porque nos teatros e noutros

espaços em Portugal os músicos estão mais afastados das pessoas. E isso gera compromissos e forças muito grandes. Há pessoas a dizerem que os músicos chegam a Guimarães e até se esfolam... Talvez seja essa proximidade. Ou talvez porque a organização trata os músicos muito bem, eles andam aqui nas ruas com o maior à vontade, isso também é motivador.

EdA: Há muitas críticas positivas ao GJ. Como é que as encara?

E as críticas negativas, também existem...

São críticas... não sou avaliador. Não me interessa muito ir por esse caminho. As positivas agradam-me mais, tenho de ser sincero. Mas acho que a vida também é composta por esses dois lados, dos que

mesmo quando na mesma época há outros na região?

É, tem de ser. Estamos na 9ª edição e como é vamos mudar? Aliás o Porto 2001 já os festivais marcados para Setembro para evitar esta proximidade com o GJ o que de certo modo também representa um certo respeito para com este festival.

EdA: Os ciclos temáticos já fizeram história no GJ?

Não funcionam para o nosso perfil... Os ciclos são limitadores e esgotam-se facilmente e ou voltamos aos mesmos ou não podemos ir mais além. Se há festivais que tem tendência para fazer isso... nós estamos bem como estamos.

EdA: Há quem diga que no GJ já se ouviu de

! O GJ ocupa o seu lugar, é único tem a sua posição, é perfeitamente identificável, é visível não se confunde com ninguém e isso é o mais importante, está no nível mais alto dos festivais de Jazz que acontecem neste país.

estão de acordo e em desacordo. Se estivesse tudo de acordo era uma monotonia. Quem sabe se os que estão em desacordo é que tem contribuído mais para que o festival suceda e aconteça.

O que é facto é que fora das grandes cidades — Lisboa — Porto — Guimarães e o único festival que consegue enfrentar estas duas grandes cidades. Estamos todos conscientes disso. Isso é um ganho importante, acabar com o monopólio a dois que evitam que aconteçam nas suas periferias coisas importantes e onde também existem pessoas para fazer coisas interessantes e importantes.

EdA: O festival em Novembro é para manter

tudo? É assim?

Fico contente. O que falta ouvir? Naturalmente o que há-de vir, o jazz de futuro. Espero que estejamos atentos e saibamos descobrir e perceber as coisas antes dos outros e fazê-las também.

EdA: O que falta ouvir do jazz tradicional?

A maior parte dos grandes músicos já faleceu. O que existe no momento são músicos jovens com grande escola e com capacidade técnica de citar e de fazer. Há pianistas que tocam Mozart, Bach e citam. Nós tentamos ir para o lado mais criativo e menos interpretativo.

EdA: Nesta linha de irreverência que o festival prossegue, qual é o limite onde pode chegar? Para onde evoluirá?

Julgo que não há limites porque isso significava matar o festival. Em 1999 alcançamos um consenso e todas as partes estão de acordo que o festival tinha uma determinada fórmula e que era correcta e interessante. E em 2000 continuamos a acentuar mais e vamos ver o que resultará do confronto com projectos mais radicais.

EdA: Trocas, confrontos e pontes... O que é isto?!

Trocas ... é ir a Espanha buscar o flamenco e colocar isto tudo a cruzar... pontes... é estalecer experiências com grupos do Chile, de Cuba, do Brasil, dos USA... confrontos é o que temos de fazer pôr um concerto com uma linha e aparecer outra diferente e as pessoas serem confrontadas com momentos distintos de abordagem musical.

EdA: Viu todos os festivais?

Uma parte considerável. Estou ligado a este desde 1996.

EdA: E o que vê quando olha para trás?

Não sei sinto-me bem.. Sou suspeito... Temos um grupo de trabalho interessante. Erros há sempre... Todos nós temos a estranha faculdade de ouvir a mesma coisa mas de maneira diferente e eu podia estar a dizer assim.. fiz isto e não saiu bem.

Há uma equipa, um grupo de trabalho interessante que são mais importantes que tudo o resto. São eles que estimulam a minha ligação ao festival, á cidade. Sabe, convidaram-me para fazer o Braga Jazz e eu disse logo às pessoas de Braga: o meu oração está em Guimarães. O GJ é tudo para mim, foi aqui me senti eu próprio, é a minha criança. Não prescindo deste sentimento.

EdA: Confronto o GJ com outros festivais do país!

O GJ ocupa o seu lugar, é único tem a sua posição, é perfeitamente identificável, é visível não se confunde com ninguém e isso é o mais importante, está no nível mais alto dos festivais de Jazz que acontecem neste país.